

RESUMO DOS PONTOS APRESENTADOS POR MÁRIO BRAGA E EGÍDIO NAMORADO, EM NOME DA REDACÇÃO DE "VÉRTICE", A RAUL GOMES E ARMANDO BÁCELAR, NA CONVERSÁ ACERCA DA REGEIÇÃO DA ORGÁNICA SAIDA DA REUNIÃO DO PORTO, EM 9 de AGOSTO DE 1953

- 1º - "Vértice" foi fundada por Raul Gomes (Director), Sérgio Marques Lopes (Editor), Eduardo Lourenço e Carmo Vaz, os quais fizeram sair dois números normais e um terceiro de algumas páginas, para garantir as condições legais da Revista.
- 2º - Foi vendida por estes a João José Cochofel, Carlos de Oliveira, Arquimedes da Silva Santos, Joaquim Namorado e Rui Feijó, que tomaram sobre si todas as responsabilidades da Revista. Para tornar as dificuldades que surgiam com a censura, a transacção fez-se com o compromisso de o Director e o Editor continuarem a figurar no cabeçalho de "Vértice". Raul Gomes e Eduardo Lourenço ficariam também incluídos no grupo de proprietários.
- 3º - Repousando sobre este compromisso, a vida de "Vértice" estava portanto dependente da lealdade e boa fé de Sérgio Marques Lopes e de Raul Gomes. Passados poucos anos quase foi vítima da "chantage" do primeiro, que começou a exigir dinheiro sob a forma de contribuições mensais cada vez maiores e inoportáveis para um orçamento tão apertado, como o nosso. Conseguiu-se então que Sérgio Marques Lopes fosse substituído por Mário Braga, como Editor.
- 4º - Entretanto, a Revista ia conquistando prestígio nacional e até internacional, conseguia receitas que não só davam para as despesas, como permitiam alguns melhoramentos (máquinas, material de escritório e progresso na apresentação, etc.) Começa também a dispersar-se o grupo fundador, e com a ida de João José Cochofel para Lisboa, Joaquim Namorado, primeiro, Luis Albuquerque, depois, tomam o lugar de Secretário da Redacção.
- 5º - Embora os números continuem saindo com regularidade e com um nível aceitável, que as circunstâncias não permitem ser melhor, recebe-se com surpresa na Redacção um documento assinado por alguns "Amigos" e que constitue uma diatribe contra o trabalho feito. Responde-se de maneira absolutamente clara, expondo as condições da vida da revista. Nunca recebemos qualquer resposta a este documento. Soube-mos mais tarde que algumas pessoas cujas assinaturas figuravam no citado documento nem dele, sequer, tinham conhecimento e que havia desavenças de natureza ideológica e pessoal com membros da Delegação de Lisboa. Pretendeu a Redacção não intervir receber a colaboração de ambos os grupos, com a esperança de que o trabalho em comum permitisse a síntese e o ajustamento dos pontos de vista discordantes. Porém, só o conseguiu dificilmente e de maneira precária. Assediado por todos os lados e esmagado com correspondência, Luis Albuquerque pediu a demissão e foi substituído por Luis Casanovas.

6° - Tendo-se esclarecido a posição ideológica de Raul Gomes, este é solicitado, por iniciativa da Redacção, a relações mais íntimas com a Revista. O grupo de "Amigos", de que ele faz parte, insiste por uma reunião com membros da Redacção. Esta reunião realiza-se no Porto, em 9 de Agosto de 1953. É então apresentado aos redactores, Egídio Namorado, Joaquim Namorado, José Barbosa e Luis Casanovas, um projecto de resolução em que se definia uma orientação e uma orgânica ~~MEYNE~~ para a revista. Sobre a parte de orientação nada havia a dizer, era a da Revista, desde sempre. A parte de orgânica, porém, era absolutamente inovadora. Os delegados da Redacção consideraram-na inaceitável, em bloco. Procurou-se, por isso, uma nova base de trabalho. Depois de larga discussão, atingiu-se uma plataforma aceitável por ambas as partes: admitiu-se fundamentalmente a existência de núcleos de "Amigos" e colaboradores, ~~isolados~~ formados e a formar, e de "amigos" e colaboradores isolados, podendo ter relações directas com a Redacção a qual ficaria com a responsabilidade de Direcção e decidiria, em última instância, os assuntos da Revista. Conseguído o entendimento, os membros da Redacção retiraram para Coimbra, chamados por afazeres inadiáveis. A precipitação da partida parece, contudo, ter dado origem a um equívoco em que, temos a certeza, ambos os lados agiram de boa fé. Todos os Delegados de Coimbra ficaram com a ideia, e de acordo com ela agiram, de que se tinha assentado na orgânica baseada em núcleos e amigos isolados, que angariariam colaboração e reuniriam anualmente para promoverem o melhoramento da Revista e discutiriam os seus problemas. Acontece, no entanto, que, quando alguns meses mais tarde recebemos um exemplar dactilografado das "Resoluções", verificámos que outras tinham sido as conclusões a que chegaram os restantes membros da assembleia. Dois números, sobretudo, nos surpreenderam: o que estabelece que a autoridade máxima da Revista é a "Assembleia de Amigos", com poderes para decidir em última instância e para estabelecer a orientação superior da Revista; e o outro, que coloca a Redacção em pé de igualdade com os núcleos. Estas decisões não as poderia a Redacção aceitar, por duas ordens de razões:

Primeiro, porque deveria, para isso, pedir o acordo prévio dos proprietários, pois tal resolução equivale a alienar a Revista, o que constituiria matéria penal, além de que tornaria a mesma Revista particularmente vulnerável à acção de elementos estranhos e até provocadores.;

Segundo, porque colocaria a "Vértice" na situação inédita de ter uma Direcção... dirigida, a qual, tendo as maiores responsabilidades, teria teoricamente os mesmos direitos que os núcleos (na prática, muito menos até, pois estaria sujeita a todas as pressões ~~de toda a parte para~~ ~~aprox~~ ~~"~~ ~~uma~~ ~~nada~~ ~~de~~ ~~concreto~~ ~~podem~~ ~~exercer~~ ~~em~~ ~~contra~~ ~~partida~~ ~~de~~).

Por outro lado, na vida da Revista nada, de facto, se modificou. Ela funcionou exactamente como funcionara com a distribuição de trabalho dos primeiros tempos, e como quando foram organizadas as Delegações. A colaboração continua a ser desigual: ao lado de artigos de bom nível, aparecem os

de nível mediocre, como sempre aconteceu, e o actual Secretário de Redacção, Mário Braga, continua a ter que resolver os mesmos problemas que ocuparam os seus antecessores. Por tudo isto, resolveu a Redacção comunicar a Raul Gomes a não aceitação dessa orgânica e o regresso à primitiva. Raul Gomes escreve-nos a acusar-nos de termos faltado à nossa palavra e a invocar a Moral, fazendo referência à defeza da sua dignidade. Achamos fortes tais expressões. Admitamos mesmo que as "Resoluções" escritas correspondem às resoluções efectivamente tomadas, que tenham tido o acordo de todos, inclusivé dos proprietários, que tinham até sido assinadas. (Não queremos, firmamos com isto pôr em dúvida a honestidade e a boa fé de quem as redigiu) Mas é sempre legítimo, num caso desta natureza, substituir-se o que tem inconvenientes, ou, pelo menos, não oferece vantagens, pelo que se afigure mais eficiente ou mais cómodo. O compromisso só tem valor em função dos resultados, como sempre acontece em obras de interesse colectivo. A única vantagem teórica da orgânica agora abandonada seria a de uma maior interferência dos colaboradores e leitores na vida da Revista. Mas as circunstâncias actuais, numa época cheia de divisões e em que é necessário contar com a censura, torna-se isso difícil ou até impossível. Na carta que Mário Braga escreveu a Armando Bacelar indicaram-se as normas por que nos guiaremos, e que se nos afiguram as mais compatíveis com as condições actuais do nosso trabalho. Como até aqui, o futuro da Revista está nas mãos de Raul Gomes e dos Colaboradores, e o objectivo da Redacção é continuar a publicação de "Vértice", servir os interesses culturais do povo português e manter a unidade dos intelectuais progressivos.

7* -

Apesar da base não profissional do trabalho que, inevitavelmente, acarreta deficiências, não pode com verdade acusar-se a Redacção de quaisquer incorrecções para com os seus amigos e colaboradores, apesar das dificuldades encontradas nos últimos anos. Parece-nos ser isso uma garantia suficiente de poder continuar a merecer a confiança dos colaboradores auteticamente dedicados.

Coimbra, 27 de Fevereiro de 1955